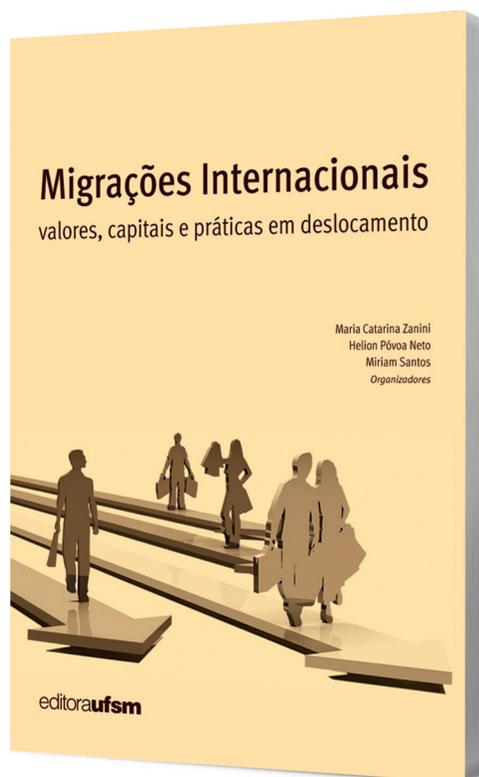


livros



ENCONTRO DE CULTURAS

Alberto Alves da Fonseca

**MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: VALORES, CAPITAIS E PRÁTICAS EM
DESLOCAMENTO, DE MARIA CATARINA ZANINI, HELION PÓVOA NETO
E MIRIAM SANTOS (ORGS.), SANTA MARIA, EDITORA UFSM, 2013, 192 P.**

Migrações Internacionais: Valores, Capitais e Práticas em Deslocamento, publicada pela Editora UFSM, em 2013, é o título da coletânea de artigos cuidadosamente organizada por Helion Póvoa Neto, Maria Catarina Zanini e Miriam Santos. Os autores apresentam suas respectivas temáticas de maneira resumida, sem, contudo, excluir questões relevantes. É, em síntese, uma coletânea bem contextualizada e organizada.

O primeiro artigo, “Política Imigratória, Comércio e Teuto-Brasilidade: a Mobilidade Social no Contexto Colonial do Vale do Itajaí (SC)”, de Giralda Seyferth, analisa vários aspectos da mobilidade social de parte da segunda e terceira gerações dos imigrantes alemães vindos da Europa para o Vale do Itajaí (SC), no período entre 1889-1930, impulsionados pelo crescimento urbano e o surgimento de novos municípios. Como se sabe, no Vale do Itajaí se deu a colonização de povoamento caracterizado por pequenas propriedades, mão de obra livre e policultura, formado principalmente por imigrantes alemães e italianos, sendo Blumenau a primeira colônia de imigrantes alemães. Brusque foi a segunda colônia, ao passo que outros núcleos surgiram após 1870. A partir de 1897, a ocupação se deu através da Companhia Hanseática de Colonização.

Parece que a ocupação dessa região foi lenta e contínua, sendo ligada ao interesse governamental. As dificuldades dos colonos, bem como a busca de novas possibilidades, especialmente dos que possuíam algum tipo de formação profissional, levaram parte dessa segunda e terceira gerações para o comércio e ao artesanato, pois obviamente nem todos os colonos tinham vocação agrícola. Entre eles havia vários tipos de profissionais que migravam para a cidade, onde encontrariam nichos mais favoráveis a sua adaptação. A autora faz vários apontamentos, com documentos e depoimentos diversos, que informam os múltiplos processos de mobilidade social que aconteceram entre as muitas colônias estrangeiras no Brasil. Em muitos casos, esse processo ocorreu devido à chegada das indústrias de tecidos nos fins do século XIX, levando muitos colonos a deixarem o ofício de agricultor para o trabalho assalariado.

Compondo esse universo rural-urbano, há também a dimensão étnica, especificamente a “alemã”, oriunda de uma grande heterogeneidade causadora de conflitos na própria comunidade. Devido a sua cosmovisão específica, muitas vezes entrava em confronto com a legislação brasileira. Outra possibilidade de ascensão social nessas colônias agrícolas foi a

ALBERTO ALVES DA FONSECA é mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

exploração da madeira, que gerou recursos e transformações, no entanto, “foram os ramos artesanais dedicados à transformação da produção agrícola que tiveram maior importância econômica, e parte dela estava sob o controle dos comerciantes”.

A autora apresenta alguns exemplos que nos dão condições de compreender a questão da ascensão social ligada ao enriquecimento por meio da indústria e comércio, como o caso do “fundador de um dos grandes grupos industriais de Blumenau, que começou sua trajetória ascendente estabelecendo-se, em 1878, na então sede da colônia sob administração de Hermann Blumenau”. Outro exemplo é o do operário agrícola Schleswig-Holstein. “A mobilidade social protagonizada pelos comerciantes, bem como a consolidação de segmentos médios através da atividade artesanal de tipo empresarial, ocorreu no período que se seguiu à emancipação das colônias”.

A comunidade teuto-brasileira sofre influência direta do nacionalismo alemão, da vertente radical do pangermanismo: “[...] o discurso étnico, na verdade, serviu tanto aos interesses econômicos (na relação com colonos, por exemplo) quanto aos interesses políticos das grandes e pequenas empresas familiares, particularmente da segunda geração, nascida no Brasil, e portanto livre dos entraves postos pelo processo de naturalização”.

Finalmente a autora afirma que entre os imigrantes do Vale do Itajaí ocorreram variadas formas e momentos de mobilidade social envolvendo vários aspectos (econômico, ocupacional, sociopolítico, etc.). Trata-se de um artigo pleno de informações que fornece oportunidades de conhecer e compreender a história do Sul do país através da mobilidade social entre os imigrantes alemães no Vale do Itajaí.

“Escritores e Cientistas Portugueses Exilados no Brasil: Cosmopolitismo e Identidade Nacional (1945-1974)”, de Douglas Mansur da Silva, é um artigo que objetiva “analisar as relações entre cosmopolitismo e identidade nacional na abordagem da temática do exílio presente nas trajetórias, obras e discursos de escritores (Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena e Vitor Ramos) e cientistas (Antônio Aniceto Monteiro, Antônio Brotas, Alfredo Pereira Gomes, José Morgado e Ruy Luís Gomes) portugueses radicados no Brasil entre 1945 e 1974”, ou seja, durante o período da ditadura salazarista em Portugal.

O autor focaliza “as trajetórias pessoais e coletivas desses personagens e suas experiências, e como estas

teriam relação com as fronteiras de pertencimento que estabeleceram ao longo da vida”. Num primeiro momento, o autor apresenta o contexto histórico do atraso cultural português frente ao conhecimento científico, bem como o conflito que renomados matemáticos e físicos portugueses enfrentarão com a realidade existente em Portugal, política e ideologicamente caracterizada pelo ruralismo, antidesenvolvimentismo, autoritarismo e conservadorismo do Estado Novo português.

Nesse contexto surgiu o Núcleo de Matemática, Física e Química, apresentado pelo autor, num quadro denominado: “Os Principais Membros do Núcleo de Matemática, Física e Química”. Esses pensadores foram impedidos de atuar, inclusive pelo próprio ambiente da academia, o que levou ao surgimento do Movimento Matemático, formado por vários personagens apresentados pelo autor num quadro com suas principais iniciativas.

A partir da década de 1940, outros grupos de pesquisas surgiram, havendo a aproximação com a oposição política, que gesta não apenas autores cientistas, mas também intelectuais. O comunista Bento de Jesus Caraça “propunha ao intelectual [...] não tão-somente a elaboração de um pensamento que conduzisse à erosão da antiga ordem, mas também soluções capazes de produzir a profunda integração entre razão e justiça”. Assim o pensamento científico ligado à difusão do conhecimento deveria estar associado ao humanismo objetivando tirar Portugal do atraso. O regime cortou verbas para esses núcleos de estudos, e, conseqüentemente, a reação deles foi a criação da Junta de Investigação Matemática (JIM) com apoio financeiro da iniciativa privada. Antônio Monteiro apresentou os objetivos da JIM expressos num artigo.

A partir de 1947, cientistas e intelectuais foram demitidos da academia acusados de oposição política, embora muitos não fossem ligados à militância, por isso a maioria dos membros do Movimento Matemático partiu para o exílio. Os escritores, embora não fizessem parte desse movimento, participavam ativamente das iniciativas e mobilizações político-culturais. Escritores como Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena e Vitor Ramos, cujas biografias são delineadas pelo autor, se encontraram como exilados no Brasil. Entre 1930 e 1945 houve intensa troca de saber entre os pensadores do movimento literário modernista brasileiro e português. Com a criação do jornal *Portugal Democrático*, houve “a consolidação de redes de esquerda que viabilizaram a vinda de muitos militantes

e intelectuais, bem como a viabilização das atividades de oposição ao regime, no exílio”.

Além de vários intelectuais do Movimento Matemático, outros intelectuais escritores vieram para o Brasil, entre eles Humberto Delgado. Por ocasião do IV Centenário da Independência ficou no país Casais Monteiro, no Colóquio de Salvador ficou Jorge de Sena e, com o apoio de redes comunistas, veio Vitor Ramos. Esses intelectuais e escritores foram grandes colaboradores regulares na imprensa literária, na grande imprensa e nas universidades brasileiras, notadamente as paulistas (USP e Unesp). Com o golpe militar no Brasil em 1964, muitos partiram para os Estados Unidos. O autor apresenta um quadro da circulação internacional e profissional de Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena, Vitor Ramos e Antônio Aniceto Monteiro, apontando para a importância das redes que possibilitaram a vinda dos matemáticos e intelectuais para o país.

Finalmente o artigo apresenta os depoimentos sobre as trajetórias pessoais, as identificações e os pertencimentos de vários exilados portugueses no Brasil, os quais, apesar de seus “discursos cosmopolitas” e de “compartilharem da ideia de que são cidadãos do mundo, em nenhum momento perderam de vista o país de origem”. Um artigo emblemático, que apresenta a complexidade do intelectual português do período ditatorial salazarista, em que, apesar de todo cosmopolitismo dos exilados, de se sentirem cidadãos do mundo, a ideia de pertencimento, de identidade nacional, acaba se reforçando ainda mais.

Joana Bahia, no terceiro artigo, “Brasileiros em Berlim: Sociabilidades e Identidades em Construção”, apresenta um depoimento pessoal sobre a despedida do melhor amigo para Berlim. Assim, o sentimento de perda se transforma em objeto de pesquisa: “como será o Brasil se transformando em país de emigração?”.

O artigo apresenta uma série de dados emigratórios de brasileiros para diversas nações do mundo, apontando a Alemanha como o quarto país europeu com maior número de emigrantes brasileiros, aproximadamente 89 mil. A maioria desses emigrantes objetiva melhoria econômica e profissional, porém não necessariamente “apenas no mercado de trabalho, mas também nas reconstruções simbólicas do campo religioso”. O perfil dos brasileiros em Berlim está muito associado às expressões da arte e da cultura brasileiras. “Músicos, dançarinos, professores de dança, capoeira e fotografia são profissões pre-

sentes entre aquelas exercidas pelos brasileiros de camadas médias da população.”

Nesse artigo o foco se dá nas relações de sociabilidade encontrada através das igrejas, centros de umbanda e candomblé, além de outras manifestações religiosas levadas pelos emigrantes brasileiros. Destaque para o Ilê Obá Silekê e o Fórum Brasil, ambos em Berlim, dirigidos pelo pai de santo Murah, bailarino de danças afro-brasileiras e reconhecido como o institucionalizador do candomblé na Alemanha.

Embora estejam no mesmo local, o Fórum Brasil e o terreiro não são atividades iguais, pois o Fórum se caracteriza por atividades artístico-culturais, destacando a importância da música e das artes. O pai de santo e professor Murah ministra aulas do curso A Força dos Orixás, através do qual muitas pessoas são atraídas para o candomblé. Muitos alemães também são seduzidos pelo candomblé pelo curso de dança, pelo bloco de afoxé Loni no Karneval des Kulturs e pelas aulas de capoeira e festas de santo.

A autora apresenta a biografia de Murah e expõe alguns motivos da aproximação dos alemães com o candomblé, tais como os poderes da natureza infiltrados na religião, a vivência religiosa através das práticas corporais, a sensualidade e o exotismo. No entanto, há algo presente no candomblé que assusta os alemães – o sacrifício de animais. Nesse tipo de religiosidade há um forte processo de desracionalização com o qual eles têm que lidar para enxergar e entender os sentidos, práticas e valores ligados ao mistério.

Nas suas considerações finais, como permeando todo o artigo, há informações sobre as práticas do candomblé e de cultos semelhantes em outros países, especialmente Portugal. A autora apresenta movimentos ocorridos na Alemanha que facilitam a aproximação com religiões ligadas à natureza, como o movimento ecológico, além de apontar para a herança pagã mitológica presente no imaginário alemão. O artigo se fecha com algumas perguntas ligadas à releitura e à ressemantização de elementos presentes nos cultos afros e no imaginário europeu.

O quarto artigo, “O Fenômeno Religioso no Cenário da Imigração Brasileira para a Itália”, é assinado por João Carlos Tedesco. Infelizmente essa coletânea não traz sua biografia no início, como fez com os demais, salvo na contracapa. A respeito do título, parece-nos que seria mais apropriado “O Fenômeno Religioso no Cenário da *Emigração* Brasileira para a Itália”, ou seja, a saída de brasileiros para a Itália. Sem

dúvida eles são imigrantes para os italianos, mas para os brasileiros eles são emigrantes.

No decorrer de todo o artigo há várias citações dos termos *imigrante*, *migrante* e *emigrante*, e talvez fosse interessante o uso de um termo consensual para facilitar a leitura e a compreensão do contexto. Feitas essas duas considerações iniciais, o artigo apresenta um interessante relatório da onipresença dos emigrantes brasileiros na Itália, com ênfase nas igrejas evangélicas e neopentecostais. Portanto, a proposta do artigo é “compreender aspectos da realidade migratória [emigratória] contemporânea a partir do fenômeno religioso”, interpassando-se numa rede étnica comum. O autor apresenta vários dados sobre o tamanho da migração brasileira para a Itália, que, segundo o Itamaraty, se aproxima de 85 mil brasileiros, fora o extraordinário número de ilegais.

A grande vantagem dos emigrantes brasileiros é a afinidade cultural latina. Muitos são descendentes de italianos e têm grande facilidade de adaptação. Os brasileiros estão presentes no setor da construção civil, na agricultura, nos restaurantes e nas atividades domésticas, tendo também aqueles que “são empreendedores na forma autônoma e/ou na montagem de pequenas empresas prestadoras de serviço”.

O artigo prioriza a análise de vinculação de emigrantes brasileiros com igrejas pentecostais e neopentecostais, todas denominações oriundas do Brasil. Na Itália “a discriminação, o isolamento, a marginalização e a etnização de conflitos revelam-se tal e qual, tanto no âmbito religioso, quanto social em geral”. Os estrangeiros na Itália se aproximam de uma igreja em busca de auxílio, conforto, emprego, enfim, em busca de socialização, o que é encontrado com mais propriedade nas igrejas evangélicas.

O artigo apresenta, entre as páginas 132 e 135, um equívoco ao classificar as Testemunhas de Jeová como igreja evangélica, já que o referido grupo (Sociedade Torre de Vigia de Bíblia e Tratados) não se classifica e nem é classificado como igreja evangélica. No entanto, independentemente dessa classificação dada pelo autor, é possível verificar as relações de socialização presente em ambos os grupos religiosos. O artigo aponta para a grande participação dos emigrantes brasileiros na Itália durante os cultos nas igrejas aos domingos, com vários depoimentos capazes de mostrar a importância desse ambiente religioso no acolhimento, no sentimento de pertencimento, na criação de espaços de relações e convivência.

Nas igrejas neopentecostais os brasileiros encontram solidariedade, acolhimento emocional, relações de amizade e proteção. Nelas a Teologia da Prosperidade “expressa e materializa o desejo de empreender, o uso simbólico e divino do dinheiro, bem como demoniza as misérias humanas e sociais”. Tanto a Bíblia como a invocação do Espírito Santo e a “guerra espiritual” travada ajudam os fiéis brasileiros a enfrentarem seu cotidiano em um país que não é o seu.

O artigo apresenta vários elementos presentes nos cultos neopentecostais, como exorcismo, pronto-socorro espiritual, etc. “Os cultos são muito bem preparados, além dos pastores, há um grupo de assistentes e auxiliares para múltiplas tarefas. Os cantos são fundamentais, a animação precisa envolver todos os fiéis.” Tedesco apresenta a relação desses cultos com a importância da motivação das pessoas, em que está sempre presente o “tripé que se alimenta ritualisticamente: cura-exorcismo-prosperidade”. Nas igrejas há estratégias para conseguir informações de pessoas e visitantes para que se possa continuar em contato: “[...] as igrejas buscam... superar os limites ou substituir a ausência de famílias, de comunidades étnicas”.

Há vários depoimentos, no artigo, que mostram que os brasileiros foram auxiliados, amparados, alimentados, vestidos pelas igrejas evangélicas, transformadas em igrejas migratórias, especialmente por motivos político-sociais. Nesse sentido, o autor identificou vários brasileiros que, no Brasil, não eram praticantes de religião, ou eram católicos, e que, ao chegar na Itália, tornaram-se evangélicos, na maioria pentecostais e neopentecostais. Sem dúvida, isso ocorreu porque a igreja ajudou na construção da identidade desses brasileiros num país diferente.

Finalizando, Tedesco cita Mariano: “[...] as igrejas passam a ser para o imigrante [emigrante] um grande sinal de esperança e esteio numa situação em geral adversa, canal de expressão de atendimento, usando símbolos e rituais da cultura popular, alimentando o sonho de ascensão social”. O artigo é muito relevante para entender os profundos vínculos entre o fenômeno religioso presente no exterior, bem como a migração brasileira na Itália.

“Mito do Sucesso da Imigração Japonesa: *Dekasseguis* e o Sonho da Comunidade *Nikkei*”, de Victor Hugo Kebbe e Igor José de Renó Machado, é o tema do último artigo dessa coletânea. Os autores do texto iniciam recuperando a saga do

Kasato Maru, navio japonês que saiu do porto de Kobe para o Brasil em 1908, com 781 japoneses. São apresentados os estranhamentos iniciais, o encaminhamento desses imigrantes para as fazendas de café de São Paulo, seus dramas e dificuldades, a chegada de vários outros navios, “garantindo que se estabelecesse no país a maior comunidade de descendentes de japoneses” fora do Japão.

O artigo objetiva analisar como foi retratada na imprensa especializada a imigração japonesa no seu Centenário, em 2008, no jornal *Nippo-Brasil* e na revista *Made In Japan*. Ambas as publicações valorizam a história dos primeiros imigrantes como símbolo de sucesso. Para essa análise os autores têm como primeira referência “a ideia de que os meios de comunicação produzidos para a comunidade de *nikkei* – o jornal *Nippo-Brasil* e a revista *Made In Japan* – também podem ser encarados como fatores na construção da identidade étnica ‘nipo-brasileira’”. Essas publicações objetivam servir como “ponte” entre o Brasil e o Japão para a comunidade *nikkei*.

Inicialmente a revista *Made In Japan* foi publicada com redação no Japão, apresentando ao público brasileiro o choque cultural e um pouco de “exotismo” da “cultura japonesa”, avessa à do Brasil. Num segundo momento, sua redação passou a ser feita no Brasil, abrindo espaço para a comunidade *nikkei*. Suas matérias abrangem culinária, cultura, literatura, eventos, música japonesa, colunas sociais, etc.

A escolha do recorte sobre o Centenário da Imigração Japonesa no Brasil se dá pelo fato de ser “um marco na história da imigração japonesa para o país e para a história das relações Brasil-Japão e, como tal, teria uma capacidade singular de reaproximar os dois países”. Da página 170 à 176 os autores apresentam uma série de depoimentos marcados por obstáculos, descontentamentos e muita “perse-

verança”, “honra”, “força” e “orgulho”, intitulados como “primeiro choque”, “sonho realizado”, “lágrimas de saudade”, “esperança”, etc. São histórias que mitificam o passado dos imigrantes japoneses, especialmente os pioneiros do Kasato Maru.

Com a crise e a recessão econômica brasileira, nos anos 1980 surgirá o fenômeno *dekassegui*, o retorno de descendentes de japoneses do Brasil para o Japão, apresentado na tabela da página 178 da coletânea: “Vistos concedidos pelo Consulado Geral do Japão em São Paulo entre 1983 e 1993”. Na página seguinte os autores apresentam uma tabela sobre “Escolaridade dos pretendentes e dos que têm experiências de *dekassegui* (1992)”. O número de pessoas regularizadas no Japão em 2008 era 312.979 e sua renda estava entre 4 mil e 6 mil reais. Portanto, embora trabalhando muito, esses *dekasseguis* gozavam de um padrão de vida bem superior ao do Brasil.

Na revista *Made In Japan*, por ocasião do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, os *dekasseguis* “são tratados em determinado momento como pertencentes ao ‘ciclo histórico da imigração japonesa’ no Brasil. No entanto, percebe-se que a trajetória dos *dekasseguis* não passa pela trajetória de sucesso: é outra, em aberto, a continuar”.

O artigo apresenta o depoimento de uma senhora japonesa vinda para o Brasil e o depoimento do seu neto brasileiro que foi para o Japão. Em ambos os casos havia a “esperança” de melhorar de vida. Finalmente os autores pontuam a perspectiva positiva da imigração japonesa, mitificada e exaltada pela imprensa na saga dos primeiros imigrantes na construção da comunidade *nikkei*. Na revista *Made In Japan*, apontam a “esperança” dos imigrantes pioneiros, bem como a dos *dekasseguis*, no seu retorno à terra ancestral. Talvez aqui exista uma enorme contradição entre o sucesso e o insucesso.